



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de inauguração da Indústria de Sucos da Cocamar**

**Maringá – PR, 12 de abril de 2003**

Meu caro governador do estado do Paraná, Roberto Requião, e sua esposa, Maristela Requião,

Meu caro Luiz Lourenço, presidente da Cocamar,

Meu companheiro Roberto Rodrigues, ministro da Agricultura,

Meu companheiro Luiz Fernando Furlan, ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior,

Meu companheiro Francisco Graziano, ministro de Estado Extraordinário de Segurança Alimentar e Combate à Fome,

Meu caro Orlando Pessuti, vice-governador do estado do Paraná,

Senhoras e senhores deputados e deputadas federais,

Deputados e deputadas estaduais,

Meu querido prefeito José Cláudio, fico feliz em vê-lo recuperado, porque tive a oportunidade de visitá-lo no leito hospitalar. Pela qualidade e quantidade de tempo que você falou, significa que já está recuperado para novas empreitadas, o que é bom sinal.

Demais prefeitos da região,

Senhor José Ivo Caleffi, vice-prefeito de Maringá,

Vereadores,

Funcionários cooperados e funcionários da Cocamar e companheiros cooperados do estado do Paraná,

Meus amigos e minhas amigas,

Quero, primeiro, agradecer à Direção da Cocamar pela gentileza e pelo respeito que tiveram comigo no ano passado. Eu era candidato à Presidência da República e queria conhecer o funcionamento de uma cooperativa. Indicaram-me



que eu deveria visitar a Cocamar. A minha assessoria entrou em contato com a Direção da Cocamar que, de imediato, aceitou que eu viesse aqui. Passei um dia na Cocamar. Isso, no mês de julho, se não me falha a memória. Em setembro, outra vez nos encontramos, entramos em contato com a Direção da Cocamar para gravar, aqui dentro, um programa de televisão que iria ao ar como peça de campanha.

Habitualmente, as pessoas se recusam a permitir que façamos esse tipo de programa para não se comprometerem com nenhum candidato, até porque o Governo tinha candidato. E, para minha grata surpresa, não só a Cocamar permitiu que eu viesse aqui gravar um programa de campanha, como passei boas e memoráveis horas aqui dentro.

Por isso, meu caro Luiz Lourenço, quero, de público, agradecer a dignidade com que a Cocamar me tratou, antes de eu ser Presidente da República.

E, por conta disso, estou cumprindo um compromisso, porque eu disse à Direção da Cocamar que viria para a inauguração da nova fábrica. E, hoje, estou aqui, cumprindo esse compromisso. Obviamente, que um compromisso pequeno diante dos compromissos que temos assumido com o Brasil e com a sociedade e que precisamos fazer acontecer. E isso vai acontecer com o tempo.

Quero dizer à Direção da Cocamar, aos funcionários, aos deputados e ministros aqui presentes, aos cooperados e ao povo de Maringá que temos quatro anos para provar que valeu a pena votar sem medo na eleição passada. Quatro anos para provar que nós seremos capazes de construir um Brasil, um Paraná e uma Maringá muito mais saudáveis, muito mais desenvolvidos e com muito mais qualidade de vida.

Obviamente que, de vez em quando, aparece alguém, aqui, no estado do Paraná, querendo exigir que o Requião faça em três meses o que eles não fizeram em 20 anos. E é normal, porque a gente não pode também ficar esperando que os adversários políticos torçam pelo nosso sucesso.

Eu, um dia desses, estava lendo um artigo num jornal e, por coincidência, uma pessoa me deu outro artigo para comparar. Um jornalista escrevia assim, em



1995: “Não dá para julgar um Presidente da República apenas por três meses de Governo”. Mas, em 2003, ele já me julgou com apenas 60 dias de Governo. Sobre essas coisas nós sabemos que não podemos perder a cabeça, nós sabemos que temos que manter a tranquilidade, porque quem tem objetivos, quem tem projetos, quem sabe o que quer, quem sabe onde quer ir e como chegar lá, não pode, em nenhum momento, se abalar com qualquer coisa que possa acontecer de negativo numa gestão. Nós estamos tranquilos, estamos certos do que estamos fazendo e vamos provar que este país poderia ser há muito tempo muito mais respeitoso com o seu povo do que foi nos últimos 30 anos.

Vamos garantir que este país gere mais empregos, exporte mais, melhore a educação, e a saúde. E não tenham dúvidas, eu digo isso com a mesma certeza de que estou vendo vocês na minha frente, com a mesma certeza de que eu creio em Deus. Eu acho que esta manhã é uma manhã especial. Ela é especial porque eu tenho algumas obsessões na vida, e uma delas, meu caro Luiz Lourenço, meu caro prefeito, meu caro governador Requião, são as cooperativas.

Em 1965, quando eu assumi o Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, os trabalhadores eram muito desunidos. Nós íamos na porta de uma fábrica distribuir boletins, entravam 40 mil trabalhadores dentro da Volkswagen, da Mercedes, da Ford, e às vezes eles nem paravam para pegar um boletim da nossa mão. Era como se o sindicato não existisse, era como se o sindicato atrapalhasse a vida dos trabalhadores. Você convocava uma grande reunião, numa categoria que tinha 150 mil pessoas, e apareciam meia dúzia de gatos pingados, e ainda não acreditavam no sindicato.

Lembro de uma cartilha que eu fiz, orientado pelo nosso saudoso Henfil, em que a gente fez uma história em quadrinhos e contava, no fundo, uma coisa que vocês todos sabem: a gente mostrava um cidadão quebrando uma varinha. E depois a gente dava para esse cidadão um fecho de varinhas, e ele já não conseguia quebrar mais. E começamos a repetir essa imagem para os trabalhadores, para tentar mostrar para eles como nós éramos frágeis se fôssemos desunidos. E, com



apenas três anos, os trabalhadores tomaram consciência e conseguiram fazer dos Metalúrgicos do ABC o sindicato mais importante do Brasil, naquele momento histórico.

E isso vocês estão demonstrando na prática. Vocês sabem que um pequeno proprietário que tenha 50 hectares de terra, que tenha 100 hectares de terra, se estiver sozinho para disputar nesse mercado maluco, tem pouquíssimas chances de sobreviver e pouquíssimas chances de continuar produzindo. A probabilidade é de ele deixar o campo e vir para a cidade, à procura de emprego, é de ele viver uma vida pior do que a que vivia no campo.

Vocês aprenderam, organizaram-se em uma cooperativa e estão ensinando a todos nós, brasileiros, que uma varinha só qualquer um pode quebrar, mas um fecho de varas é praticamente inquebrável. Quanto às cooperativas – e isso quero afirmar, meu caro Luiz Lourenço, na sua frente e na frente dos cooperados nesses próximos quatro anos, se depender da minha vontade, da vontade do Ministro da Agricultura, da vontade do meu Governo, o Brasil será o país mais forte do mundo em cooperativas.

Não há forma mais democrática de gerenciar a nossa própria produção do que a organização em cooperativas. Não há forma mais eficaz para a gente manter a esperança acesa na confiança das pessoas do que elas saberem que não estão sozinhas. Fico imaginando a diferença de um trabalhador cooperado e de um trabalhador sozinho no campo. Quando não chove e, portanto, esse companheiro perde a sua lavoura, possivelmente, algumas noites de insônia e de desespero tomem conta desse companheiro ou dessa companheira, porque não tem com quem conversar, não tem com quem se lamentar. E, às vezes, nem os bancos, que deveriam dar assistência, atendem essas pessoas. Mas quando você tem uma cooperativa organizada, forte, dirigida com critérios muito rígidos, em que a direção não tenha outro compromisso a não ser ajudar os cooperados, você sai da sua casa, procura a Direção, conta o seu problema e ali mesmo você sabe que tem um banco da cooperativa para ajudá-lo nesse momento difícil, e você volta para casa com a



esperança redobrada.

A minha vinda aqui, meu caro Luiz Lourenço, é para dizer, na sua frente e na frente de todo esse povo que está aqui nos ouvindo, o que eu dizia para o Requião: os assentamentos dos trabalhadores rurais vão dar muito mais certo no dia em que conseguirmos organizá-los em cooperativas, dando, inclusive, uma dimensão administrativa importante para eles, porque nós precisamos da agricultura empresarial, mas precisamos também fortalecer a agricultura familiar. A agricultura familiar não gera empregos, ela gera trabalho e permite que a pessoa não saia do campo.

Também tenho consciência de que a agricultura familiar será muito mais forte, será muito mais produtiva e as pessoas viverão muito melhor se criarmos no Brasil a consciência de que todos devem estar organizados em uma cooperativa, para que a gente possa combinar um tripé – a produção, a industrialização e a comercialização – para que essas pessoas saibam que é através da agricultura que poderemos resolver parte dos problemas brasileiros, porque, hoje, a agricultura brasileira é, sem dúvida nenhuma, o setor da economia que mais cresce. E a nossa balança comercial só tem o peso que tem por conta da nossa agricultura.

Meu caro Roberto Rodrigues e meu caro Furlan, vocês dois sabem das suas tarefas. Vocês dois sabem, porque, quando foram escolhidos ministros, agi como um técnico que dá a orientação para os seus jogadores. Eu falei para os dois: olhem o papel de vocês: são dois profissionais da mais alta competência, um do lado da agricultura e outro da indústria, são dois especialistas em exportação, os dois conhecem o mundo como ninguém, têm relações internacionais como ninguém. E eu disse para eles, Requião: não quero saber para onde vocês estão viajando, o que quero saber é que nós precisamos aumentar, e muito, a nossa balança comercial. E vamos aumentar, segundo o otimismo do Furlan, em pelo menos 12%. E, na agricultura, a gente pode dizer como muita antecedência: outra vez, bateremos recordes de exportação dos nossos produtos agrícolas.

Mas não é apenas exportar. Eles têm uma outra tarefa heróica para fazer, que



é a briga na Organização Mundial do Comércio, para que as barreiras tarifárias dos Estados Unidos e da Europa não impeçam os nossos produtos de chegarem ao exterior como estão chegando hoje. E nós vamos brigar na Organização Mundial do Comércio porque não aceitamos a idéia de que o mercado tem que ser livre, mas, quando chega a hora de o Brasil vender os seus produtos, cada um coloca um obstáculo para dificultar a entrada dos produtos brasileiros. Se o comércio é livre, vai ser livre para todos.

Muito obrigado. E meus parabéns, Luiz Lourenço.

/lrj/vpm